

ETEC Carapicuíba, 3º ADM.

A MÁSCARA DA MORTE AMARELA

Adaptação para o Brasil colonial (texto e notas)

Base: 'A Máscara da Morte Vermelha' — Edgar Allan Poe

Adaptadores:

Felipe Oliveira, Igor Massone, Kawã Moreira, Kaynã da Silva, Pedro Dias.

CAPÍTULO I — A FEBRE E O TEMOR Havia tempos que a região era flagelada por uma enfermidade que os moradores, em vozes trêmulas e supersticiosas, haviam baptizado de "Morte Amarela", em virtude dos efeitos da doença que causava, que aparentava ser a febre amarela, mas avançava exponencialmente em cada seu hospedeiro. Jamais se vira peste tão voraz. A pele tomava matizes de âmbar e amarelo; os olhos afundavam-se sob pálpebras ictéricas; vinha a febre que castigava as entranhas, vômitos negros e violentos, e, antes que as mãos pudessem sequer socorrer, hemorragias e fluxos escuros saíam dos poros e orifícios, tingindo de escarlate as faces já amareladas. As manchas vermelhas que se espalhavam sobretudo pela face eram o sinal infame que bania o infeliz de todo o consolo humano. Em poucas horas, às vezes em menos de meia jornada, falência total de órgãos e o corpo inerte terminavam a vida. Daquele flagelo ouviam, primeiro, as senzalas e vilas soprando seus lamentos. Nas janelas protegidas por vidraças, e mesmo por trás de vidros de caixas de comércio, as testemunhas viam o horror, mas não se aproximavam. Chamavam o aviso ao senhor do engenho: "Morte Amarela avança; os que morrem geram novas aparições da Morte Amarela." Mensageiros descreviam como, perto de cada cadáver, ou por onde alguém havia sido colhido, a própria figura da Morte Amarela parecia tornar a plantar-se no ar — olhando, encarando, escolhendo outra vítima; o olhar bastava, e o escolhido caía tremendo, experimentando primeiro o amarelamento da pele, depois as febres, e, enfim, a sangria escarlate e a morte.

CAPÍTULO II — A CRUELDADE E O FRACASSO O Senhor Duarte Próspero, senhor de engenho e homem poderoso, acreditou poder dominar a peste com a força. Ordenou a seus servos que matassem os infectados e queimassem casas, roupas e corpos. Muitos dos servos tombaram também, encarados pela própria Morte Amarela. As fogueiras iluminaram as senzalas, e o cheiro de morte espalhou-se pelas terras. O povo passou a murmurar que a febre era castigo dos céus pela crueldade dos homens. Duarte, temendo a aproximação da praga, convocou seus parentes, senhores e religiosos. Disse-lhes: "Fugiremos para onde nenhuma peste possa nos alcançar." Referia-se tanto à doença quanto aos escravizados que deixava para trás. E partiram para seu casarão fortificado, levando vinho, alimentos e música.

CAPÍTULO III — O ISOLAMENTO E O CASARÃO O casarão de Duarte era vasto e cercado por altos muros. Mandou selar portões e trancar janelas. Dentro, acreditavam-se invulneráveis. O casarão tinha sete cômodos dispostos em sequência, cada qual com cor e atmosfera próprias. A primeira sala era azul, de cortinas de linho e vitrais do mesmo tom, onde a luz lembrava o céu do litoral. A segunda, púrpura, ostentava tapeçarias e veludos da realeza. A terceira, verde, cheirava a mata e esperança. A quarta, laranja, tinha cortinas cor de terra e brilho quente do pôr do sol. A quinta, branca, era de rendas e altares portáteis — símbolo da fé superficial que os sustentava. A sexta, violeta, envolvia em sombras e música. Por fim, a sétima: o porão dourado e escarlate, onde o veludo negro cobria as paredes, e a luz amarelada do candelabro se misturava ao reflexo carmim dos metais, como se o ouro e o sangue se unissem.

CAPÍTULO IV — O GRANDE BAILE Meses após o isolamento, Duarte decidiu celebrar a sobrevivência. Organizou um baile de gala colonial. Músicos, dançarinos e máscaras desfilaram pelos cômodos. As máscaras zombavam, de modo cruel, dos escravos e dos doentes — rostos pintados de amarelo e feridas vermelhas transformadas em adorno. O vinho corria, e o riso soava alto. Mas, de tempos em tempos, o sino do engenho batia. A cada badalada, a música cessava. Um silêncio sepulcral tomava o salão; os convidados empalideciam e evitavam o olhar uns dos outros. Quando o eco do sino morria, risadas nervosas tentavam retomar o prazer. E assim a festa seguia, entre medo e negação.

CAPÍTULO V — A APARIÇÃO À meia-noite, quando o sino tocou doze vezes, uma nova figura apareceu. Alta, magra, coberta por uma mortalha amarelada e manchada de sangue, trajava uma máscara com feições de cadáver. O murmúrio espalhou-se: “É a Morte Amarela.” Ninguém ousou aproximar-se. A figura andava lentamente, passando pelos cômodos — do azul ao púrpura, do verde ao laranja, do branco ao violeta — e, por fim, ao porão dourado. O Senhor Duarte, tomado de raiva e vergonha, empunhou um punhal e correu atrás dela. Os demais recuaram.

CAPÍTULO VI — A QUEDA Quando o Senhor Duarte alcançou o extremo do porão, teve um grito agudo; o punhal caiu, e o senhor tombou, prostrado, vencido por ataque súbito de febre e hemorragia — a Morte Amarela olhara para ele, e em seu olhar o corpo dera entrada para o processo fatal. Atingidos pelo terror, os demais invadiram o porão e agarraram o mascarado. Com violência removeram a mortalha e a máscara — e, para horror de todos, encontraram uma figura: a caveira dourava que existia por detrás. Reconheceu-se então que a doença mesma entrara no casarão, sorrateira como ladrão. Um a um, os convidados foram compreendidos pela praga: primeiro a pele amareleceu, depois as manchas escarlates apareceram, e todos expeliram fluxos negros e sangrentos. O sino do engenho bateu pela última vez quando o último expulsou o último suspiro.

EPÍLOGO As chamas nas senzalas baixaram em fumaça; e, ironia final, o fumo que subiu deixou no solo, entre as ruínas, mulheres, homens e crianças libertos da escravidão por circunstância: alguns escravos sobreviventes fugiram para os matos e fundaram, com outros, um quilombo que cresceria como resposta e resistência, alimentando memória e sobrevivência.

Assim cumpriu-se o destino que nenhum ouro, fé ou muralha pode deter: a Morte Amarela, filha do orgulho e da injustiça, entrou pelos portões que o medo fechara. E, quando o sino calou, as trevas e a liberdade dividiram entre si a terra do engenho.

ASSIM A Morte Amarela fora ao mesmo tempo praga e juízo. A tentativa de isolar o privilégio e de negar a humanidade dos escravizados gerou o retorno do mal entre os privilégios; a contaminação moral e física não conhece muros. A febre que assolara as senzalas e, na sequência, o casarão, selou a justiça kármica: a elite que desprezara e sacrificara tornou-se alvo do castigo. Ao fim, onde havia chamas e destruição, ergueu-se a semente da liberdade: o novo quilombo, à sombra de um mundo mudado.